



Utopia e desenvolvimento: uma exploração das dinâmicas de poder e imaginário coletivo

Utopia and Development: an exploration of the dynamics of power and collective imagination

SLEIMAN, Sumaia¹; MACIEL, Josemar²

¹UCDB, damnsusu@gmail.com; ²UCDB, maciel50334@yahoo.com.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades da Construção Agroecológica

Resumo: As crises geradas pelo capitalismo têm direcionado a sociedade a pensar futuros outros na tentativa de superar a ideia de desenvolvimento heteropatriarcal colonialista e ecocida. O presente trabalho tece um diálogo entre diferentes modos de se construir utopias no contexto latino americano com o objetivo de tecer caminhos para a superação deste modelo hegemônico de desenvolvimento que vem sendo “vendido” como única alternativa. A utopia construída ao longo deste trabalho nos direciona ao campo do diálogo crítico contra hegemônico com o intuito de reunir forças que contribuam para transformações sociais concretas em direção a emancipação dos sujeitos e de seus territórios.

Palavras-chave: bem viver; estudos críticos do desenvolvimento; mulher; corpo-território

Introdução

Ao se falar da construção do futuro não podemos deixar de pontuar que este não se trata de uma evolução da natureza, mas sim de um lugar que se constrói a partir de proposições que se formulam dentro de uma perspectiva histórica e humana. A construção de futuros atravessa o método utópico, que é pensado como um campo aberto ao possível a partir de visões críticas e análises das experiências vividas por alguns agentes sociais específicos, como as mulheres. A dimensão metodológica da utopia inaugura uma abordagem crítica traçando adjacências geográficas como modo de interpretar e interrogar a história e dar luz a um futuro de mudanças.

Observamos com muita cautela e preocupação a construção deste futuro em virtude das decisões e rumos em que a sociedade moderna capitalista vem tomando diante dos últimos eventos extremos - como as crises climáticas, sanitária internacional e conflitos de interesse econômico, político/social - e sua relação com a dominação de corpos-territórios e seus imaginários coletivos.

Segundo Quijano (2000), o colonialismo é um dos elementos constitutivos da ordem mundial capitalista aparecendo como ponto central para a compreensão do sistema contemporâneo vigente. Trazendo à luz a esse modelo de desenvolvimento colonial/capitalista que acaba aparecendo como único modelo possível vendido pela sociedade moderna, notamos que esta configuração de desenvolvimento não contribui efetivamente com a manutenção da existência terrestre, observamos também que são necessários outros modos de pensar o desenvolvimento



econômico-político-social, para além deste que constantemente produz crises históricas e incentiva a manutenção da violência.

O acúmulo de capital e exploração dos bens de produção ainda se apresenta - dentro da sociedade capitalista heteropatriarcal colonialista ecocida - como modelo padrão para se pensar o desenvolvimento, atuando como regulador econômico. As tensões geradas por esta configuração aparentemente única de sociedade capitalista reproduzem formas de exclusão, desigualdades e violência tanto no campo social e ecológico, como no campo dos imaginários, excluindo a possibilidade de se pensar outros modos de existência. Precisamos de um horizonte de transição que reúna forças para avançarmos em direção a um tecido de economias outras e diversas (OROZCO, 2021). A economia feminista surge como uma forma de emancipação desse modelo por possuir uma crítica radical ao sistema, enfatizando a construção de alternativas por meio de práticas enraizadas nos territórios que fala de e para esses territórios específicos em vez de pretender oferecer verdades universais (OROZCO, 2021).

Para Souza (2009), o poder é elemento central na formação do território, porém, as relações de poder estão atreladas a outros elementos dos campos político, social e econômico os quais se articulam na sua construção, há um interesse que nutre as formas de apropriação do território. Segundo Segato (2014), a violência expressa em suas diversas formas aparece como forma última de domínio e da manutenção do modelo imperialista econômico global se retroalimentando e gerando novas formas de dominação que se mantém dentro do neoliberalismo e seus discursos de falsa liberdade. O discurso de dominação propõe um deslocamento do sujeito da natureza, essa dicotomia entre homem-natureza, passa a fazer parte do pensamento moderno, atribuindo ao conhecimento humano um caráter pragmático, no qual a natureza é observada apenas como recurso que necessita ser dominado e explorado. Assim, o homem moderno é colocado no centro do universo e em oposição à natureza, passando esta a ser vista como algo a ser domesticado. A estrutura de gênero também aparece como estrutura de poder surgindo assim, a violência sob os corpos a partir de seu uso e abuso, portanto, a estrutura da violência da sociedade capitalista possui sua base na dominação de corpos e territórios (SEGATO, 2003)

O poder se estabelece como categoria mental da modernidade, produzindo na América Latina identidades sociais historicamente novas, associadas a hierarquias e papéis sociais, instituindo um novo padrão de dominação (QUIJANO, 2005). Assim, o capitalismo acaba se tornando uma nova estrutura de controle dos imaginários e corpo-territórios a partir da exploração do trabalho e dos recursos, se estabelecendo como padrão global capturando as diversas formas de imaginação coletiva, transformando-as em campo individual, estabelecendo um novo plano de pensamento que reproduz discriminações, explorações e violência.

heteropatriarcal colonialista ecocida utilizaremos o conceito de Bem Viver como forma alternativa construção de futuros possível. Este conceito, utilizado há décadas pelos movimentos contra hegemônicos da América Latina, antes restrita apenas a filosofia dos povos Andinos defende uma vida digna para todos, bem como a sobrevivência da espécie humana e do planeta, na contramão dos projetos de genocídio, etnocídio e ecocídio (DULCI, 2021).



A utopia assim como o Bem Viver nasce como alternativa à dominação e poder da sociedade capitalista heretropatriarcal ecocida. Sob o signo da insatisfação desta ordem vigente elas impulsionam os sujeitos sociais à criação de novos horizontes de possibilidades, operando transformações concretas. A função da utopia emerge na busca de uma sociedade melhor (SANTAMARÍA, 2015).

Escolhemos tecer os fios da utopia para a construção de uma alternativa ao modelo de desenvolvimento capitalista a partir do Bem Viver que trabalha com a ideia de respeito à vida terrestre. O Bem Viver possui um caráter utópico de transformação, nela há uma crítica e enfrentamento à realidade desmascarando as ficções insustentáveis do capitalismo (SANTAMARÍA, 2015). Podemos identificar pelo menos três correntes de pensamento do Bem Viver: (1) a indigenista e pachamamista, que se caracteriza por uma autodeterminação dos povos indígenas na própria criação do Bem Viver, assim como alguns elementos mágico-espirituais; (2) a socialista e estadista que possui uma relevância quanto a gestão política-estatal do Bem Viver, assim como alguns elementos que configuram a equidade social; e (3) a pós-desenvolvimentista e ecologista, que diz respeito à construção participativa do Bem Viver, como a inclusão de indigenistas, socialistas, feministas, teológicos e ecologistas. (HIDALGO-CAPITÁN, 2012, p. 16).

O Bem Viver e suas correntes de pensamentos emergem do e no imaginário dos subalternizados como proposta epistemicamente desobediente (MIGNOLO, 2007) frente a colonialidade do saber (LANDER, 2005), fundindo-se a práticas contra hegemônicas e ancestrais como a agroecologia.

Metodologia

Em geral, a metodologia é fornecida pela filosofia. Esta é considerada uma área de conhecimento ocupada com a explicitação formal e técnica de conceitos, a purificação de noções relativas ao senso comum, explicitação de genealogias e redução de polêmicas ou discussões a seus termos lógicos, para qualificar o debate em todas as outras áreas do conhecimento humano (NUSSBAUM, 2010).

Especificamente, o trabalho nasce a partir de leituras, discussões em um laboratório de leitura e de apropriação de conceitos críticos do desenvolvimento. Usam-se comentários de textos relevantes, análise literária a partir da discussão de literatura clássica referida à utopia, além de análises da relação entre o Desenvolvimento, o imaginário concreto, que diz respeito à fundamentação “local” das agendas e dos cenários.

Os produtos metodológicos finais do trabalho que se têm em vista são, assim, comentários a textos específicos e ensaios analíticos. Na área específica da metodologia filosófica, que é o lugar em que este trabalho pretende situar-se, trata-se de uma intervenção qualificada em debates públicos.

A pesquisa é uma investigação teórica, buscando contribuir com o aprofundamento da relação entre a construção social dos conceitos e a elaboração de agendas científicas e técnicas, para se construir ou propor ações de desenvolvimento e progresso. Se há um “lugar” em que essa pesquisa se ubica, ele será a imaginação filosófica e científica, que nas discussões do desenvolvimento está na base até



mesmo da fundação da geografia humanista e cultural, como no clássico de um de seus fundadores (MERCIER, 1785).

Os dados que formarão o trabalho são advindos da literatura especializada na discussão entre a gênese conceitual do desenvolvimento Latino Americano, e a literatura de imaginação de cenários e utopias.

Na área da discussão filosófica segue procedimentos técnicos advindos da lógica, para entender as ideias que estão sendo expostas; das ciências ou das áreas limítrofes das humanidades com que se relaciona o trabalho crítico. No caso, este projeto aprofunda a discussão com a contextualização histórico-cultural, e com a teoria crítica da literatura.

Resultados e Discussão

A utopia do ponto de vista da criação de novos espaços nos leva a pensar corpos e territórios para além do projeto colonial moderno impulsionando os sujeitos sociais a novos horizontes de possibilidades reorganizar o imaginário social transformando o discurso individualizado e coletivo. Compreendemos então que é necessário a construção de realidades outras a partir do coletivo superando os modelos de desenvolvimento hegemônico que sequestram os imaginários, territórios e corpos a partir de uma utopia que tem sua base no conceito de Bem Viver dos povos originários. A construção coletiva dos saberes e de seus imaginários previne uma forma abstrata de interpretação da realidade por meio dos discursos universalizantes da sociedade capitalista. Segundo Pablo Dávalos (2008), o Bem Viver, como nova referência ao desenvolvimento e crescimento econômico, aparece como proposta alternativa importante e inovadora frente à globalização neoliberal.

Ao recuperarmos o projeto utópico como coletivo, feminista e agroecológico, podemos (re)construir diálogos que nos permitam ver para além dos conceitos cristalizados, utilizando como base crítica um movimento da construção de uma imaginação social coletiva. Neste movimento de realocação dos lugares dos atores sociais e deste novo olhar para o desenvolvimento que redireciona o imaginário social, o indivíduo aparece não mais deslocado da realidade local e sim como ator principal para a mudança ou virada epistêmica, que não trata mais só do indivíduo dotado de liberdade para agir em seu modo individualista, mas agora este é uno e múltiplo, reconhecendo seu uno em coletivo com a natureza e outros atores.

A agroecologia como alternativa de mudança dos modos de pensar a sociedade é vista como utopia concreta que se utiliza dos modos coletivos de imaginar outros mundos. É um modelo de desenvolvimento contra hegemônico construído a partir das realidades vividas visando transformações estruturais no modelo vigente, propondo alternativas ao capitalismo e seu projeto neoliberal de destruição dos corpos-territórios. O formato individualista proposto pela sociedade neoliberal que visa a liberdade econômica e lucro tem como objetivo promover um desenvolvimento social e econômico próprio por vezes deslocada das realidades dos sujeitos. Assim, portanto, ao pensarmos a agroecologia como uma utopia concreta é possível uma reorganização dos modos de pensar e se emancipar dos modos individuais e destrutivos do modelo neoliberal e capitalista da sociedade vigente. A utopia agroecológica é a alternativa necessária para a construção de um



projeto de sociedade para além da abstração colonial de pensamento que se descola da realidade, da subjetividade e do coletivo. O desafio é liderar a transição ecosocial por um caminho de ruptura com o sistema capitalista em crise para avançarmos em direção a um sistema que faça a manutenção de todas as vidas. Se observarmos o território/lugar a partir da perspectiva dos povos andinos, não há distinção entre humanos e não humanos, e este, além de ser o campo sagrado de conhecimento e subsistência, é necessário para a manutenção da existência coletiva e não individual e dominadora como é regido pela modernidade com seus discursos predatórios. O modo de pensar dos povos originários e subalternizados permite criar realidades outras para além daquelas propostas pelo capitalismo, as quais sequestram os imaginários coletivos.

As utopias aparecem como esse modo de construir outros mundos a partir do território próprio, para Tereza Maria Spyer Dulci (2021) as utopias são de extrema importância para se construir outras formas de existência, para além das heranças coloniais. Ainda segundo a autora, a utopia tem em seu bojo o conceito de bem viver dos povos andinos, onde é necessário retornar ao passado para se construir um novo futuro, respondendo às demandas do tempo presente nos contextos locais.

Conclusões

Reconhecemos uma urgência em centralizar a construção de um itinerário utópico a partir dos diálogos entre o Bem Viver e o desenvolvimento social. Ao tecer esse diálogo observamos que a utopia se apresenta como instrumento de desenvolvimento pois essa está associada aos povos e modos de fazer ancestrais latino americanos, necessitando ser alçada a um novo patamar junto ao feminismo e a agroecologia. Essa mudança nuclear do conceito de sociedade hegemônica a partir da utopia do Bem Viver e seus modos permite a construção do saber em um outro formato de sociedade, esse de alguma forma decolonial e emancipador. A aposta de construção de um futuro radicalmente diferente em ruptura direta com o sistema vigente emerge do diálogo entre o Bem Viver, o feminismo e a agroecologia. Esse processo de construção de um horizonte emancipador além de estar em permanente (re)produção é necessariamente moldado por múltiplas dimensões - muitas mãos.

O constante diálogo sobre os rumos da sociedade tece um horizonte de transição que nos permite concretizar uma redistribuição radical para a sustentação das vidas. O diálogo utópico se constrói a partir de vivências e críticas aos modelos em crise, não é um campo fechado, ele está em permanente construção para a manutenção da Terra e junto à terra. Neste sentido também podemos dizer do lugar do desenvolvimento que é aquele do horizonte que a imaginação concreta dos protagonistas da mudança que constroem de modo coletivo.

Referências bibliográficas

DÁVALOS, Pablo. Reflexiones sobre el *Sumak Kawsay* (el Buen Vivir) y las teorías del desarrollo. Quito: ALAI, 2008.



DULCI, Tereza Maria Spyer. O “Bem Viver” como uma nova utopia latino americana. In: Utopias latino-americanas: política sociedade, cultura / organizado por Maria Ligia Prado. São Paulo: Contexto, 2021, p. 295 – 311.

HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis. El buen vivir ecuatoriano en el con- texto de la economía política del desarrollo. En: Dominguez, R.; Tezanos, S. (Eds.). Actas del I Congreso Internacional de Estudios del Desarrollo. Santander: Universidad de Can- tabria: 2012. Disponible en: <<http://congresoreedes.unican.es/actas/PDFs/202.pdf>>. Acesso em: jan. 2017.

LANDER, Edgardo. Hacia otra noción de riqueza. In: ACOSTA, Alberto; MARTÍNEZ, Esperanza (Comp.). El Buen Vivir: Una vía para el Desarrollo. Quito: Ediciones Abya- Yala, 2009; pp.31-37.

MIGNOLO, Walter. Epistemic disobedience: the de-colonial option and the meaning of identity in politics. Gragoatá. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, n.o 22 (jan./jun. 2007). Niterói: EdUFF, 2007.

MERCIER, Louis-Sébastien, L’an deux mille quatre cent quarante: rêve s’il en fût jamais. Lausanne: Fauche, 1785.

NUSSBAUM, Martha C. Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities. Princeton University Press, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social”, en *Journal of World Systems Research*, vol. 6, No. 2, Binghamton, State University of New York Binghamton, 2000, p. 342-386.

OROZCO, Amaia Pérez. Decrecimiento ecofeminista para sostener el buen convivir. Verona: Università di Verona, 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes de. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M; SPOSITO, E. (orgs.). Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2001.

SCHAVELZON, Salvador. Plurinacionalidad y vivir bien/buen vivir: dos conceptos leídos desde Bolívia y Ecuador. Quito, Abya Yala-Clacso, 2015, p.252.

SEGATO, Rita Laura. Las estructuras elementales de la violencia - la ed. - Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.